

O FRACASSO DOS PARTIDOS

Celso Maria de Mello Pupo

A história é uma grande mestra que nos oferece ensinamentos preciosos, a nós que somos os herdeiros das pesquisas, das realizações, dos frutos auridos pelos nossos avós, herança que possibilita começarmos em níveis muito mais avançados que os facultados aos nossos antepassados.

O cientista e o observador de hoje, dispõem, logo de início, de um enorme acervo de estudos feitos no passado, e isto constitui o progresso que, geralmente, nós usufruímos esquecidos dos antigos que nos estão sendo uteis.

Nossa história é plena de exemplos políticos dos mais dignificantes, desde os primórdios da nossa independência com as figuras destacadas pela inteligência, pelo patriotismo e pela honradez, dos três Andradas; pela fibra e caráter de um Feijó, modesto, culto, que iniciou sua vida como mestre-escola em Campinas, alcançando sua grandeza política como deputado às Cortes de Lisboa, para ser parlamentar no Império, notável ministro da Justiça e Regente que deixou, de sua passagem, traços indeléveis de um político que serviu sua pátria sacrificando-se como um dos que, terminados os mandatos, voltavam para a obscuridade da vida privada, demonstrando que serviram por amor à pátria e aos seus compatriotas.

Não somos idólatras incondicionais do passado e nele vemos também os males e deficiências; mas na vida política do Brasil, ninguém pode ignorar elementos abnegados, patrióticos, desprendidos que serviram ao país, muitos deles deixando os cargos públicos mais pobres que quando para eles entraram.

A história do Brasil pode, agora, ter uma divisão sui generis: o período em que os homens deixavam a política tanto ou mais pobres de que quando para ela entravam, e o período em que se passou a enriquecer na política.

Ninguém pode negar que o dinheiro corrompe; ninguém pode deixar de ver que o progresso, a industrialização, o materialismo consequente do enriquecimento rápido e da ânsia do lucro abundante, tem obumbrado as mentes nos tempos de hoje, exigindo, então, para nós bem, que as instituições se tornem anteparo dos maus fatores.

No caso político e sob este aspecto, as instituições partidárias passaram a ter maior importância nos destinos do país. Se no Império, os partidos representavam ideologias, como o Conservador, o Liberal e o Republicano, não tinham eles outra função que reunir os "homens bons" para a organização administrativa. A seleção de homens se fazia naturalmente dentro da austeridade de costumes da época.

Herdou a República, vinda do Império, aquela austeridade que se manifestou não só nos republicanos históricos, como nos monarquistas aderentes que passaram a servir depois de 89. Tínhamos no Estado de São Paulo, o velho Partido Republicano Paulista, assim como outros estados da Federação, nos quais feneceram os partidos monárquicos, remanescendo, apenas, um partido republicano em cada unidade federal.

E São Paulo teve grandes homens públicos, a começar do campineiro Campos Sales que depois de ser parlamentar por muitos anos e presidente da República, distinguido com a escolha para representá-la no estrangeiro, foi obrigado a pedir dinheiro emprestado a amigo, para poder fazer tal viagem.

Pelo início da vida republicana, muitos homens elevaram nossa política, como Bernardino de Campos, Américo Brasiliense de Almeida e Mello, podendo-se mesmo compor uma sequência com os presidentes, quer da República, quer do Estado. Mas não só nos altos cargos se revelavam elementos de alta qualidade moral.

O velho Partido Republicano Paulista, fazia eleições à sua moda; mas não deixava subir elemento suspeito. Em seu tempo, quando era necessário, também os mortos votavam, mas votavam com consciência e patriotismo; se defeitos existiam nos seus métodos, incontestável era o seu constante cuidado no selecionar de homens para a administração, o que também era norma do Partido Democrático.

Um traço que ainda caracterizava a política de então, era ausência dos membros de diretórios partidários, nos cargos eletivos. Os chefes dirigiam sem propósito de fazer política carreirista, a davam cargos aos mais capazes, aos mais cultos, atraindo sempre elementos moços, como exemplifica-se em Campinas com a entrada para a Câmara de jovens de valor como Paulo Pupo, Antônio de Camargó Viana, Alfredo Gomes Jullo, Villac e outros.

Mas, na política de últimos anos, inaugurou-se um sistema novo e pernicioso. Os partidos, multiplicados em número, passaram a ser meros vendedores de legenda que se constituiu em mercadoria vendável ao grande público. E muitos foram os casos de cancelamento de candidatos pelos Tribunais Eleitorais, por serem tais candidatos indignos do mandato a que aspiravam; este fato, por si só, estigmatizou os partidos que, com isto, traíram sua finalidade de orientar a nossa formação política, quando lhes cabia enorme responsabilidade, uma vez que a lei não admitia voto fora de legenda.

Em nosso regime, na universidade do voto, em nosso extensíssimo país de população grandemente analfabeta, é imperativo que os partidos se constituam em verdadeiros filtros para candidatos a cargos públicos eletivos. E, da degradação partidária, das cúpulas diretivas dos partidos, nasceu a degradação administrativa, o florescimento da corrupção e o aviltamento da propaganda política que, de pregação doutrinária que devia ser, passou à demagogia, à mentira, à caça de votos conquistados com brinde e favores.

Restaram na política elementos bons valha-nos Deus; ainda abnegados de qualidade tem arrostado as desvantagens de uma luta desigual contra processos reprováveis; mas é indispensável que nas reformas políticas, constituam-se e reconstituam-se partidos capazes de selecionar candidatos, e dirigentes políticos que se imponham pelo conceito de competentes e honestos.

Homens que não sejam considerados elementos de alta qualidade moral, mesmo que sofram injustiça nos julgamentos do público, não podem liderar grupos políticos; o proceder e a popularidade como homem correto, são características indispensáveis a uma prestigiosa liderança. E isto tem faltado de forma alarmante em nossa política.

O recesso de legislativos que representou um arrefecimento nas atividades políticas, que foi aplaudido pela opinião pública com o lamento, apenas, de ter sido tardio, significa, por estas circunstâncias, a desconfiança do público nos organismos políticos, o que deve ser bem ponderado ao realizar-se, agora, seu retorno às atividades.

As elites (que se devem entender como melhores de todas as classes) são injustamente acusadas de omissão. Elas não se omitiram; elas foram, em sua maior parte, aliadas das atividades políticas pelo descaso que delas tem feito os partidos políticos, interessados, apenas, nas demagógicas caças de volume de votos.

A bondade do brasileiro o faz retraído em suas manifestações; nós todos tememos magoar nosso próximo, mesmo quando ele não merece complacência. Que esta reserva de proceder não nos leve à covardia de uma inação; o momento exige firmeza de convicções, já que estamos na encruzilhada de uma redenção com a continuidade maléfica.

Que nos valha a história dos grandes homens do passado para que neles se espelhem os políticos de hoje, fazendo mais frutificar os últimos esforços por uma melhoria, e assegurando à nossa pátria o futuro risonho que ela merece e que pode alcançar com a sua abundância de fatores favoráveis.